

Capítulo 11

O coletivo fora do eixo (mídia ninja): as impressões iniciais do ativismo em Fortaleza

Ian Rebouças de Andrade¹

O Coletivo FDE e a Mídia Ninja: apresentação e trajetória

Alguns coletivos e redes de comunicação alternativa ganharam maior notoriedade a partir das reivindicações e dos convites às mobilizações pela Internet. No Brasil, os jovens vêm sendo contagiados desde 2013 por um sentimento de mudança que perdura até os dias atuais (GOHN, 2014). A pesquisa foi iniciada no contexto da crise política brasileira e cenário de manifestações em Fortaleza no período de julho e agosto de 2016. Este trabalho vai mostrar o primeiro contato, a experiência de convivência etnográfica do pesquisador com “os Ninjas”.

O presente trabalho é derivado de um projeto de pesquisa onde se pretende pesquisar a Mídia Ninja de forma densa. O recorte do trabalho é focado no cenário político em que se encontrava o Brasil durante o afastamento de cento e oitenta dias da presidente Dilma Rouseff, após a abertura do processo de *Impeachment* e a aprovação por meio de votação no senado em maio de 2016.

A Rede Fora do Eixo (FDE)² é uma rede de comunicação alternativa. Tratam-se de coletivos culturais e de ativismo político-

¹ Universidade Estadual do Ceará (UECE)

² Originalmente, Circuito Fora do Eixo é uma rede de coletivos, atuando na área da cultura em todo o Brasil, e em mais alguns países da América Latina. Inicialmente, focava no intercâmbio solidário de

digital que, nos últimos anos, chamaram a atenção dos meios de comunicação, da academia, da classe política, de aliados e de adversários na sociedade civil.

O FDE é uma rede ampla, autônoma e descentralizada que se articula em torno de produção cultural (através de festivais de música “autoral”, alternativos aos esquemas das gravadoras) e mobilização política (notadamente na defesa de causas sociais ditas polêmicas pela sociedade, como a defesa dos direitos das minorias, dos LGBTs, dos indígenas, dos trabalhadores, dos professores e outras causas associadas ao “movimento de esquerda”).

A casa Fora do Eixo Nordeste funciona em Fortaleza, Ceará, há três anos, sendo a única sede do coletivo na região, funcionando como uma produtora de eventos, produtora audiovisual e também sendo uma base de comunicação ativista, uma base da Mídia Ninja³ no Nordeste, fazendo parte, também, do coletivo Comunicadores pela Democracia⁴. A casa dos Fora do Eixo está localizada no centro de Fortaleza, em frente à Praça dos Leões e em cima do bar *Lions*.

O Fora do Eixo teve origem no compartilhamento de experiências entre coletivos de Cuiabá (MT), Rio Branco (AC), Uberlândia (MG) e Londrina (PR). Com início marcado em Cuiabá, onde quatro produtores culturais Pablo Capilé, Talles Lopes, Daniel Zen e Marcelo Domingues, criaram o “Espaço Cubo” em 2002, um dos precursores do Fora do Eixo, segundo seu site oficial

atrações e conhecimento sobre produção de eventos. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Fora_do_Eixo > Acesso em: 03 de Agosto de 2016

³ *Mídia Ninja* (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação) é uma rede descentralizada de mídia de esquerda, com atuação em mais de 150 cidades no Brasil. As transmissões da Mídia Ninja são em fluxo de vídeo em tempo real, pela internet, usando câmeras de celulares e unidades móveis montadas. Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%ADdia_Ninja > Acesso em: 03 de Agosto de 2016

⁴ “Os Comunicadores pela Democracia é um coletivo formado por jornalistas, publicitários, radialistas, comunicadores populares e ativistas digitais que defendem a Democracia, o Estado de Direito e o direito à comunicação no Brasil.” Trecho retidado da página do facebook Comunicadores pela Democracia Fortaleza. Disponível em: < https://www.facebook.com/pg/ComunicadoresPelaDemocracia/about/?ref=page_internal > Acesso em: 13 de Abril de 2017

Foradoeixo.org.br⁵. Seu planejamento era coletivo, e suas atividades, colaborativas. O circuito, apropriando-se das novas tecnologias e reunindo diferentes coletivos culturais no país, expandiu suas atividades para além das artes cênicas, design, audiovisual e similares: criou a "rede das redes virtuais", fazendo com que surgisse uma reorganização social com a fundação das Casas Fora do Eixo, a partir de 2011.

Segundo a pesquisa de Bedê (2016) a Ninja surgiu em 2011, com o canal virtual “Pós-TV”, uma ramificação do circuito Fora do Eixo (o circuito é uma equipe que organiza eventos artísticos e dá visibilidade à artistas independentes que estão fora do tradicional eixo Rio-São Paulo). O FDE cresceu bastante, passando a trabalhar também com produção cultural e aliando-se a outros grupos e movimentos sociais, expandiu-se pelo Brasil e se instalou em algumas das capitais do país. A Mídia Ninja tem como fundadores o jornalista Bruno Torturra e integrantes do Fora do Eixo, como Pablo Capilé e Felipe Peçanha.

A Mídia Ninja teve um papel de extrema importância no que diz respeito ao momento de mobilizações quase generalizadas nas jornadas de junho de 2013, no Brasil⁶ (BEDÊ, 2016). As manifestações contra o aumento da tarifa da passagem de ônibus, e o Movimento Passe-Livre começaram por meados de março de 2013, mas ganharam maior força e cobertura contínua em junho de 2013, por exemplo, quando a mídia tradicional foca em imagens violentas das manifestações, com destaque para cenas de vandalismo e destruição.

A comunicação da Mídia Ninja é colaborativa, ou seja, os usuários compartilham e trocam informações, assim como põem a

⁵ Disponível em: < <http://foradoeixo.org.br/historico/> > Acesso em 02 de Agosto de 2016

⁶ “Quando um grupo de jovens se reuniu no dia 6 de junho na Avenida Paulista para contestar o aumento da tarifa de ônibus de São Paulo, ninguém poderia imaginar que aquele seria o marco zero da maior sequência de protestos no país desde o Fora Collor”. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/12/1390207-manifestacoes-nao-foram-pelos-20-centavos.shtml> > Acesso em: 12 de Agosto de 2016

informação no “ar” através dos dispositivos *mobile*, como Peruzzo (2013) conta no mesmo episódio das manifestações: “simples celulares ou *smartphones*, redes virtuais e o audiovisual alternativo municieram a sociedade com a informação em tempo real do que ocorria nas ruas pelo ângulo de novas fontes” (PERUZZO, 2013, p. 82)

Segundo Barreto *et al* (2014), a Mídia Ninja como comunicação alternativa, tem gerado “surpresas”. O período “Pós-TV”, como uma expressão do “neojornalismo” (sem editoria, sem pauta, sem padrão), enfrenta o monopólio das empresas jornalísticas, que parecem ameaçadas pelo modelo de operação da nova mídia (ação direta, liberdade radical, resistência e ocupação). Segundo Peruzzo (2013) a mídia tradicional ou “grande mídia” se viu perdida ao ver os acontecimentos fugirem ao seu esquema de pautas e coberturas. E viu na comunicação alternativa como fonte. Para a autora, a mídia alternativa favoreceu o exercício da liberdade de expressão, sem *gatekeepers*⁷, e em uma proporção imensurável devido a replicação das redes virtuais.

Alguns atos atualmente na pauta dos comunicadores da Mídia Ninja são: ato em defesa do SUS, Ceará do meu orgulho (causa sobre os direitos LGBTs), Ocupa Funai (direitos indígenas), atos em defesa do programa do Governo Federal “Minha casa, minha vida” e o ato “Fora Temer”, que se popularizou na rede.

2. Métodos e técnicas utilizadas: impressões iniciais

A metodologia etnográfica foi escolhida para a convivência do pesquisador com a Mídia Ninja dentro da Casa FDE, em reuniões

⁷ “Gatekeeping é um conceito jornalístico para edição. Gate keeper é aquele que define o que será noticiado de acordo com [valor-notícia](#), linha editorial e outros critérios. Gatekeeper também pode ser entendido como o “porteiro” da redação. É aquela pessoa que é responsável pela filtragem da notícia, ou seja, ela vai definir, de acordo com critérios editoriais, o que vai ser veiculado. Com a efervescência e até um certo modismo da prática do [jornalismo colaborativo](#), a função do gatekeeper tem sofrido alterações. A audiência cada vez menos passiva e mais participativa deixa a figura do mesmo menos centralizada, mas sem perder a importância na estrutura da construção da notícia.” Disponível em: < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gatekeeping> > Acesso em: 13 de Abril de 2017

dos comunicadores e acompanhamento das manifestações que os mesmos convidam a sociedade civil a participar.

A abordagem adotada para o início do desenvolvimento da pesquisa foi qualitativa, que tem como características essenciais: o ambiente natural com fonte direta de dados, o pesquisador como instrumento fundamental e o caráter descritivo. (GODOI, 2006)

O método utilizado será a etnografia. “A etnopesquisa direciona seu interesse para compreender as ordens socioculturais em organização, constituídas por sujeitos intersubjetivamente edificados e edificantes” (MACEDO, p. 9, 2010). Nesse sentido, preocupa-se em conhecer o ser humano imergido em sociedade e cultura.

A etnografia deve produzir um conhecimento que aproxime o pesquisador das visões do grupo estudado e que ofereça “uma análise qualitativa sobre as categorias, estruturas sociais, interpretações, cosmologias e teorias ‘êmicas’” (BRAZZABENI, 2012, p. 489) e que se confronte com a construção dos significados por parte do antropólogo, de uma coerência entre seus discursos teóricos e as “impressões” pessoais dispersas e costuradas à pesquisa. Buscará equilibrar duas perspectivas metodológicas: “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) na tentativa de apreender a pluralidade de atores e de processos sociais, e “de fora e de longe”, a fim de buscar regularidades e categorias capazes de pôr em destaque relações sociais estruturantes. Um dos objetivos da etnografia, é “captar” conceitos da experiência próxima e estabelecer conexões com os da experiência distante – sendo a experiência próxima não reconhecida como contendo conceitos pelos nativos – e, a experiência distante, reconhecida exatamente por conter conceitos teóricos dos etnógrafos (GEERTZ, 1989).

A análise dos depoimentos dos sujeitos da pesquisa sobre os temas de estudo, informações obtidas pela observação e nos diários dos encontros dialogais fundamenta-se em alguns princípios da proposta de análise de conteúdo de Bardin (2010), que especifica três etapas básicas no trabalho: pré-análise, descrição e

interpretação inferencial, este caminho por demonstrar afinidades com os princípios da “Etnopesquisa Crítica”.

3. Hipóteses e discussões levantadas

Parte-se das seguintes hipóteses para a realização da pesquisa: primeiramente, a Mídia Ninja, com uma nova dinâmica de comunicação, possui características de organização em rede, estrutura horizontal, diversidade de participantes, atributos que lhe conferem fluidez e capacidade de adaptação; em segundo lugar, pode-se afirmar que o coletivo FDE ilustra bem a emergência do paradigma de ações coletivas, que combinam ativismo virtual com ações concretas em espaço físico; em terceiro lugar, a Mídia Ninja, em Fortaleza, consegue veicular através da rede informações, notícias e promover discussões sobre temas, que geralmente são marginalizados pela mídia tradicional; em quarto lugar, as novas formas midiáticas de que se vale o FDE possuem autonomia, além de poder informativo e mobilizador, sem deixar de interagir com os veículos tradicionais, seja para criticá-los ou utilizá-los a seu favor, e, por meio de mensagens simbólicas, causar impacto sobre eles.

A formação de comunidades virtuais (CASTELLS, 2003), baseadas na comunicação *online*, foi interpretada como o culminar de dissociação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade. O autor vê a desterritorialização a partir das interações sociais nas redes, na formação de uma comunidade virtual. Nas redes sociais, as pessoas se encontraram, se descobrem e se mobilizam para algo, ou para uma afinidade em comum. A expressão “redes sociais” vem sendo utilizada para designar sites que oferecem ferramentas e serviços de comunicação e interação no padrão egocentrado de relacionamentos.

A rede começa a ser aproveitada pelos movimentos sociais, que nela encontram um modelo apropriado de construção, abrindo e desenvolvendo canais de trocas sociais (CASTELLS, 2003). O fenômeno dos movimentos sociais, encontra, na rede, a capacidade

de interconexão, diversidade e coordenação, além de lhes ter permitido o engajamento em debates.

Para GOHN (2010, p. 150), “a internet tem sido o grande meio/veículo articulador de ações coletivas e movimentos sociais. Ela possibilitou a criação de redes virtuais que viabilizam conexões de grupos que nunca se encontraram fisicamente de fato.” Para a autora, um grupo que se identifica em rede, começa a se mobilizar e a se organizar estrategicamente, para se encontrar fisicamente.

4. Primeiras aproximações e experiências como observador participante

Em 2016, iniciamos nossos estudos sobre movimentos sociais e cidadania, do ponto de vista social e da democratização dos direitos. Presenciamos debates sobre política e surgiu o interesse em estudar o tema que relacionasse política e comunicação. Foi quando uma mídia alternativa à mídia tradicional despertou-nos interesse de pesquisa: a Mídia Ninja.

Nesses estudos, conhecemos outros pesquisadores que nos facilitaram o acesso ao coletivo FDE, que nos permitiu conhecê-los: um conjunto de comunicadores profissionais e amadores que se propõem a fazer eventos culturais, a trazer debate político, a ajudar na defesa de causas de minorias e que se propõem a se inserir nos movimentos sociais e fazerem sua cobertura, levando a informação sem edição à sociedade.

O material empírico para realização desta pesquisa foi coletado nos meses de julho e agosto de 2016, que marcam uma fase da política brasileira importante para as ações dos movimentos sociais: o dia 9 de agosto de 2016, particularmente, foi a data marcada para a segunda fase do julgamento do Impeachment da presidente Dilma, que esteve afastada desde março de 2016 e foi acusada de ter cometido crime de responsabilidade, ao editar decretos que ampliaram a previsão de gastos do Orçamento sem autorização do Congresso e pela

pedalada fiscal no Plano Safra, pago pelo Banco do Brasil. O período delimitado para coleta deste material empírico foram os meses de julho e agosto de 2016, que antecedeu ao desfecho do processo do Impeachment da ex-presidente da República, Dilma Roussef. O desfecho do processo foi no dia 31 de agosto de 2016.⁸

O olhar etnográfico (GEERTZ, 1973), adotado nesta fase do estudo apresentado, buscou compreender o fenômeno investigado através da observação de práticas e eventos. O processo de coleta de dados buscou preservar certo distanciamento crítico em relação ao objeto de estudo e compreendeu visitas durante dois meses (julho e agosto de 2016) à casa da FDE em Fortaleza, na participação em reuniões do coletivo. Acompanhamos duas manifestações nesses meses: as dos dias 31 de julho de 2016 e 31 de agosto de 2016.

A fim de documentar e compreender a perspectiva dos participantes do coletivo, foram também realizadas entrevistas semiestruturadas, documentadas em áudio e vídeo com uma integrante que participa da rede, com o objetivo de compreender a partir da visão desses integrantes, que se dispuseram a nos relatar suas vivências Ninjas e suas ideias sobre ativismo em rede. Os resultados dessas observações seguiram uma linha de tratamento analítico dos dados coletados que busca entender seus significados a partir das nuances presentes nas falas e nas ações dos informantes.

O primeiro contato foi no dia 30 de junho de 2016, quando o pesquisador entrevistou, conheceu e conversou com a Ninja Júlia, que concedeu uma entrevista sobre o que é a Mídia Ninja, o que é a

⁸ “O plenário do Senado aprovou nesta quarta-feira (31), por 61 votos favoráveis e 20 contrários, o impeachment de Dilma Rousseff. A presidente afastada foi condenada sob a acusação de ter cometido crimes de responsabilidade fiscal – as chamadas “pedaladas fiscais” no Plano Safra e os decretos que geraram gastos sem autorização do Congresso Nacional, mas não foi punida com a inabilitação para funções públicas. Com isso, ela poderá se candidatar para cargos eletivos e também exercer outras funções na administração pública.” Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html> > Acesso em: 28 de abril de 2017

casa Fora do Eixo e qual o objetivo da militância e mobilização que começa nas redes a partir da visão do coletivo.

Compreender como sua atuação, apoiada nas novas ferramentas midiáticas, vem contribuindo para a construção de um novo contexto de mudança social em Fortaleza é de grande importância, pois poderá facilitar o entendimento acerca da relação entre Internet - os movimentos sociais e conexão com a sociedade - mídia alternativa, em um cenário que parece atender, cada vez menos, às demandas por maior participação social. “Quer seja para manifestações artísticas e de lazer, quer seja para atividades econômicas e administrativas, ou para protestos sociais e concentrações, as praças centrais das cidades são marcos referenciais da própria história da humanidade” (GOHN, 2014, p. 90-91)

O pesquisador se aproximou do coletivo com permissão e foi bem recebido pelo FDE na sua casa. Após as entrevistas semi-estruturadas, registros em diários de campo, fotos, gravações de áudio, vídeos e trocas de contatos, o pesquisador foi convidado a uma série de reuniões e a se envolver com a Mídia Ninja de maneira militante.

O pesquisador compreendeu e relata que se envolver com a Mídia Ninja de maneira militante significa assumir alguns riscos, desde ficar “à frente” do movimento, até subir em cima de um trio elétrico na manifestação “Fora Temer”, por exemplo. Riscos de ações truculentas por parte da repressão policial em caso de vandalismo e descontrole da multidão. Situações essas que estão além do previsto pelo pesquisador e o coletivo.

Em 31 de julho de 2016, deu-se a primeira participação do pesquisador em uma manifestação, intitulada “Fora Temer”. Conhecemos vários grupos e coletivos, lutando por diversas causas. Dentre eles, os grupos e coletivos conhecidos no movimento: grupos feministas, grupos que defendem direitos de LGBTQs, direitos dos negros, direitos dos trabalhadores, direitos dos aposentados, movimentos estudantis que defendem bolsas nas universidades, entidades estudantis secundaristas, lutas a favor da

universidade pública, contra a privatização do ensino superior, movimentos de professores, movimentos dos trabalhadores sem tetos (MTST), comunicadores jornalistas pela democracia, pela liberdade de imprensa, etc.

Após entrevistar e registrar, no seu diário de campo, uma série de entrevistas com manifestantes, o pesquisador entendeu o porquê do "Fora Temer", que ameaça as causas sociais, educacionais, culturais e trabalhistas que por eles são defendidas.



Figura 1 - Fotografia de Ian Rebouças do ato Fora Temer no dia 31 de julho de 2016

O FDE é, segundo os próprios militantes do movimento, “uma forma ativista de fazer cultura”. Isso foi observado pelo pesquisador, ao conhecer sobre as produções culturais e artísticas do coletivo, as pautas defendidas e como unem cultura e arte com o protesto. O tema de uma pauta defendida pode gerar atos e eventos artísticos diversos derivados da causa. Uma forma de fazer ativismo. Para Sodré (2015), ativismo social por meio da cultura é

o que está ocorrendo agora com os jovens ativistas. Quer dizer, a cultura é um meio de fazer ativismo, “porque a política já está podre” (SODRÉ, 2015, p. 146). Para o autor, a cultura é um novo instrumento de dominação, porque a dominação pelo mercado se faz pela cultura. Trata-se de noção importantíssima para a clássica democracia representativa.

Para participar e “imersão” nessa cultura e na ideologia da Mídia Ninja, o pesquisador começou a participar de reuniões na casa Fora do Eixo e participar de reuniões virtuais no grupo Ninja Ceará no aplicativo Telegram⁹, onde também compartilham informações, material das manifestações e da cobertura jornalística.

Mergulhar nesse universo de militância e de discursos ideológicos é contagiante. É necessário aderir ao discurso, para se sentir parte do grupo, para lutar junto ao grupo. É necessário, para entender como o coletivo compreende as mudanças políticas, a repercussão e sucessão dos fatos.

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. (GEERTZ, 1926, p. 4)

A comunicação da Mídia Ninja é colaborativa, ou seja, os usuários compartilham e trocam informações, assim como põem a informação no “ar” através dos dispositivos *mobile* conectados à rede por conexões 2G, 3G e 4G. O pesquisador participou da reunião do dia 8 de agosto de 2016 com “os Ninjas” do Ceará que foram convocados.

⁹ “O Telegram é um serviço de mensagens instantâneas baseado na nuvem. O Telegram está disponível para smartphones ou tablets (Android, iOS, Windows Phone, Ubuntu Touch, Firefox OS), computadores (Windows, OS X, Linux) e também como Aplicação web. Os usuários podem enviar mensagens e trocar fotos, vídeos, *stickers* e arquivos de qualquer tipo. O Telegram também possui criptografia ponta-a-ponta opcional. Os clientes do Telegram possuem código aberto, porém seus servidores são proprietários”. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/Telegram_\(aplicativo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Telegram_(aplicativo)) > Acesso em: 24 de abril de 2017

Nesta reunião, debateram-se todos os temas e pautas dos próximos atos. Sempre com uma preocupação de conduzir e planejar os atos e de como será a produção de conteúdo: tornar público antes, durante e depois nas redes sociais e páginas, na internet.

Nas reuniões, que eram em formato de palestras, um líder conduzia uma espécie de treinamento, orientando os Ninjas e os novos Ninjas como se portarem, se comportarem e até houve um treinamento de como fotografar, gravar, tratar graficamente as fotografias e vídeos, subi-los de maneira instantânea e fazer transmissões em tempo real. Houve uma espécie de *workshop* onde foram dadas explicações sobre aplicativos e *softwares* livres que podem auxiliar os Ninjas “na missão”.



Figura 2 - Fotografia de Ian Rebouças na casa FDE, no dia 8 de agosto de 2016

O pesquisador, agora já devidamente treinado e preparado, participou do ato “Fora Temer” novamente no dia 31 de agosto de

2016 como Ninja, conectado com um dispositivo móvel à rede, que o deu suporte para “subir” imagens, vídeos e áudio de modo instantâneo, no grupo de Ninjas, no Telegram. Em seguida, outros Ninjas, que se encontravam na base física conectados por seus computadores, recebiam o material pelo aplicativo Telegram e já subiam as fotos, vídeos e textos no Facebook Nacional da Mídia Ninja, em questão de poucos minutos.



Figura 3 – Fotografias de Ian Rebouças e Poliana Uchoa. Disponível na página da Mídia Ninja Nacional, no Facebook, do dia 31 de agosto de 2016 ¹⁰

¹⁰ Disponível em: < <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/710794839078664> > Acesso em 24 de abril de 2017

O ciberespaço alterou os modos de produção, as formas de circulação, as estratégias de consumo e compartilhamento da informação. Mais do que isso, a engenharia da informação distribuída pelas inteligências coletivas conectadas (LÉVY, 1999), como no caso que pudemos acompanhar da Mídia Ninja e sua base logística operacional no Fora do Eixo Nordeste, em Fortaleza.



Figura 4 - Fotografias de Ian Rebouças e Poliana Uchoa. Disponível na página da Mídia Ninja Nacional, no Facebook, do dia 31 de agosto de 2016 ¹¹

¹¹ Disponível em < <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/710817912409690> > Acesso em 24 de abril de 2017

Os coletivos elaboram, estruturam e redefinem práticas sociais, se materializando em ritos, códigos, pertencas grupais, mobilização de recursos pessoais, familiares, institucionais e outros, onde o objetivo do coletivo gira em torno de construir um conjunto de valores e crenças relativas à solidariedade intra e intergrupala.

O discurso ideológico move grupos e agrega integrantes. Os jovens participam das manifestações independentemente da orientação político-ideológico que os motiva, sendo abertos às utopias, à cultura digital, revolta contra injustiças sociais e “antes de ocupar territórios do espaço físico, familiarizam-se com o espaço virtual, atuam no novo espaço social criado via o uso da internet” (GOHN, 2014, p. 84).

O pesquisador buscou participar e adentrar as manifestações e reuniões, colaborando com as discussões e tratando de temas políticos junto aos “Ninjas”. Segundo Malinowski (1922, p. 23), “o etnógrafo não tem apenas de lançar as redes no local certo e esperar que algo caia nelas. Tem de ser um caçador activo e conduzir para lá a sua presa e segui-la até aos esconderijos mais inacessíveis”.

Após o período delimitado, o pesquisador continua sua pesquisa, contato e militância junto aos Ninjas. A fim de continuar sua pesquisa e compreender melhor o impacto dos seus atos na sociedade cível, na comunicação tradicional e no cenário de Fortaleza.

O pesquisador manteve e continua a manter contato com a central Mídia Ninja nacional e local através dos emails oficiais, para estar sempre incluído nas pautas e nas causas defendidas pelo coletivo.

Considerações finais

De acordo com os delineamentos teórico-metodológicos apresentados e com o objeto deste estudo, reforçamos a importância de se compreender a interação entre as novas

ferramentas midiáticas e os movimentos sociais, por ser um fenômeno que vem produzindo repercussões nos campos das relações sociais e inaugurando novas formas de se fazer comunicação e política.

Entendeu-se que a Mídia Ninja trabalha em equipe e que os integrantes sempre podem compartilhar quaisquer informações, material com os outros Ninjas e que isso poderá virar pauta/ produção de conteúdo para as redes e a página na internet, dependendo da discussão em pauta à época.

Sobre a produção do conteúdo, constatou-se, preliminarmente, que a identidade coletiva da Mídia Ninja garante uma continuidade da experiência nomeada como “nós” e revela sentimento de pertença. As práticas sociais têm intuito de materializar o sentimento de pertença a um conjunto de valores, crenças, interesses que definem a identidade coletiva de um determinado grupo (MAIA & CASTRO, 2006). O processo descrito pelo pesquisador define estratégias para mobilizar recursos, materiais simbólicos que são necessários à mobilização social, à continuidade da experiência coletiva. A identidade coletiva também define possíveis práticas cotidianas do grupo na construção de redes sociais.

A “Era da informação” (CASTELLS, 2003), que se refere, segundo o autor, ao período pós-popularização da Internet, tornou possível o encontro de pluralidades e narrativas, transformando-se em um campo de disputa entre diferentes atores políticos e movimentos sociais, que encontraram, na rede, um meio de mobilização eficaz.

Como Castells (2000) afirma, as identidades (necessárias na articulação dos movimentos sociais) organizam significados e podem ser classificadas como: legitimadoras, de resistência (criadas por atores que se sentem ameaçados), de identidades de projeto (forjadas por atores para construir uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e transformar a estrutura social).

Assim, constata-se a relevância de um estudo sobre os movimentos sociais inseridos no cenário político cearense e a relação com a comunicação tradicional e alternativa.

Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BARRETO, Emilia [et al] (orgs.). *Mídia, Tecnologia e Linguagem*. Jornalística. João Pessoa: Editora do CCTA, 2014. 231p.
- BEDÊ, Isabelle Aguiar Paiva. *Redes Sociais, Jornalismo colaborativo e o impacto de um clique: mudanças de enquadramento do G1 nas jornadas de junho*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Unifor - Universidade de Fortaleza. Curso de Jornalismo, Fortaleza, 2016. Orientação: Eduardo Nunes Freire. 84 f
- BRAZZABENI, Micol. Daniel Seabra Lopes, *Deriva Cigana: Um Estudo Etnográfico sobre os Ciganos de Lisboa* | Ruy Llera Blanes, *Os Aleluias: Ciganos Evangélicos e Música*, *Etnográfica*. In: *Etnográfica*. 13 (2): 483-493 vol. 13 (2). Novembro de 2009.
- CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura - poder da Identidade*, 2 a . Ed, São Paulo: Paz e Terra, 2000. v.2.
- _____. *A Galáxia da Internet: reflexão sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. – 1 – ed. , 1. Reimpressão. Rio de Janeiro: Editora LTC. 2008 [1926] 323 p.
- _____. *The interpretation of cultures*. New York: Basic Books, 1973.
- _____. *Estar allí. La antropología y la escena de la escritura*. In: *El Antropólogo como Autor*. Barcelona: Paidós, 1989, p.11-34.
- GODOI, Christiane K.; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson B. (org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais*. São Paulo: Saraiva, 2006.

GOHN, Maria da Glória. Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

_____. Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 2010.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Coleção TRANS - São Paulo: Editora 34, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. Etnopesquisa crítica/etnopesquisa-formação. Série Pesquisa, Brasília: Líber livro Editora, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, vol. 17, nº 49, 2002.

MAIA, Sousiley; CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola. (Orgs.). Mídia, esfera pública e identidades coletivas. Belo Horizonte. Editora UFMG, 247 p., 2006

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Editora Abril, 1984 [1922]

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou” (?) In: Revista MATRIZES. Ano 7 - Nº 2. Jul./dez. São Paulo – Brasil, 2013

_____. Comunicação nos Movimentos Sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. In: Revista Contemporânea. Salvador, UFBA, v. 11, nº1, p. 161-181, 2013.

SODRÉ, Moniz. Mídia, Ideologia e financeirização. In: Revista Oficina do Historiador, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 8, n.1, jan./jun., p. 134-157. 2015